

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

Fabricio Antonio Deffacci*
Antonio Alberto Brunetta**

RESUMO: O objetivo deste trabalho é fazer a análise dos usuários de plantas medicinais da cidade de São Carlos, SP, partindo das novas formulações sociológicas acerca das relações sociais no mundo contemporâneo. A construção das subjetividades em nossa época é demarcada por um movimento ininterrupto e cambiante, em vista do qual as interações sociais tornam-se dinâmicas. A partir deste pressuposto teórico, desenvolvido nos dois primeiros pontos do trabalho, indicaremos a organização social dos usuários de plantas medicinais como uma rede de sociabilidade, em vista da qual os sujeitos envolvidos constituem suas subjetividades de modo fluído. A concepção de *rede*, inerente ao debate sociológico contemporâneo, contribui para se pensar as novas formas de organização social no mundo contemporâneo. Para tanto, utilizamos os referenciais bibliográficos seguidos da abordagem concreta, a qual se sustenta em entrevistas abertas e observação da realidade investigada.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Sociológica; Sociologia Contemporânea; Sociabilidade; Identidade Social; Fitoterapia.

THEORETICAL AND METHODOLOGICAL ASPECTS OF CONTEMPORARY FORMATION OF SUBJECTIVITY: A SOCIOLOGICAL APPROACH

ABSTRACT: Users of medicinal plants in São Carlos SP Brazil are analyzed through new sociological formulations on current social relationships. The construction of subjectivities at present is underlined by an uninterrupted and changeable movement where social interactions become dynamic. The theoretical presupposition developed in the first two items of current research is followed by the social organization of users of medicinal plants as sociability network in which the subjects form their subjectivity in a fluid manner. The network concept, inherent to contemporary sociological debate, contributes towards new

* Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Araraquara, SP; Docente de Ciência Política na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E-mail: fabricioad@uems.br

** Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Araraquara, SP; Docente de Sociologia na Universidade Federal Fronteira do Sul – UFFS.

forms of social organization at present. Bibliographical references followed by a concrete approach are used, the latter being foregrounded by open interviews and observations of the situation under analysis.

KEY WORDS: Sociological Theory; Contemporary Sociology; Sociability; Social Identity; Phytotherapy.

INTRODUÇÃO

Com frequência, novos desafios se impõem às ciências sociais tanto no aspecto teórico quanto metodológico. A estreita vinculação desta área com seu próprio objeto de análise (a sociedade sempre em transformação) implica em um constante esforço de repensar as categorias explicativas e, por conseguinte, todo o arcabouço teórico responsável pela orientação das práticas investigativas em diferentes períodos e regiões. Em se tratando da Sociologia, os últimos cinquenta anos foram decisivos para a alteração dos horizontes analíticos na mesma proporção em que a aceleração do movimento social fez com que uma alteração significativa ocorresse desde o nível mais amplo/macro até os contornos mais particularizados/micro da sociedade.

Esse quadro de transformações se repete e aprofunda constantemente o chamado discurso *pós-moderno* inerente aos contornos de uma sociedade *pós-tradicional*, na qual os padrões fixos de vida já não mais se sustentam e, em lugar destes, uma nova forma de sociabilidade impulsiona as condições de vida na contemporaneidade. A despeito das críticas às estratégias teórico-compreensivas contemporâneas (EVANGELISTA, 1992), que reiteram a primazia das teorias clássicas, é possível aceitar que as construções teóricas que orientaram o entendimento da sociedade até o começo da segunda metade do século passado ainda fundamentam a compreensão de processos estruturais na organização da sociedade, mas, por não interagirem com dinamicidades recentes - as quais ao inscreverem-se na superfície do fenômeno também marcam de algum modo às estruturas sociais – exigiriam o desafio de avaliarem-se por meio do diagnóstico desta *sociedade de novo tipo* que se apresenta para identificar sua respectiva configuração e ponderar os limites da renovação da teoria.

Esta situação tópica faz emergir teorias que também são alternativas explicativas para um período que tenta descobrir-se, sendo possível perceber, nos trabalhos mais detalhados da comunidade de pesquisadores da área, o desejo de explorar minuciosamente a realidade social

(objetos cada vez mais particularizados) através de instrumentais metodológicos construídos e reconstruídos seguidamente de acordo com as necessidades da investigação. Nesta direção, a adoção de um viés teórico unilateral parece ter ficado nas expectativas passadas dos sociólogos; em lugar deste procedimento, torna-se comum uma junção de diferentes modelos teóricos que faz da pesquisa um espaço para o exercício da criatividade do pesquisador no manejo metodológico. A confecção do aparato metodológico parece seguir a mesma direção: as ferramentas que servem na abordagem dos fenômenos sociais são modeladas com o mesmo dinamismo presente na própria realidade.

Neste cenário circunscrito por um elevado grau de transformações sociais que condiciona as mudanças dentro dos trabalhos da Sociologia, resta aceitar a relação indissociável entre o objeto investigado e os elementos teórico-metodológicos que viabilizam a investigação. Assim, a proposta deste trabalho é explorar um fragmento da realidade social - constituição de uma rede de usuários de plantas medicinais na cidade de São Carlos, SP – a qual expressa em grande medida as transformações no âmbito das relações sociais, bem como um novo modo de se posicionar a partir da teoria e da metodologia, a saber, a maneira pela qual se constitui atualmente a subjetividade/identidade dos grupos sociais.

O trabalho constrói-se em três momentos. Primeiramente, faremos uma breve retomada dos aspectos teóricos que esclarecem os novos modos de constituição da subjetividade/identidade na contemporaneidade (ALTVATER, 1999; BIRMAN, 2006; CASTELLS, 2000; HALL, 2005; LYOTARD, 1998; RIBEIRO, 2002; TOURAINE, 1970). Em seguida, apontaremos as propostas metodológicas que prescrevem um caminho possível de abordagem de tais subjetividades e, ao mesmo tempo, problematizam o lugar da Sociologia diante do contexto atual (CARIA, 2003; GONZÁLEZ-CASANOVA, 2006; LEFF, 2007; ROITMAN-ROSENMAN, 2006). Por último, analisaremos de modo breve a formação de uma rede de usuários de plantas medicinais que possui uma configuração relevante para se pensar os novos espaços de sociabilidade em nossa época e, concomitantemente, contribui na exemplificação tanto dos elementos teóricos quanto metodológicos apresentados nos dois primeiros pontos deste trabalho. Ressalte-se, em relação ao estudo proposto acerca da rede de usuários das plantas medicinais, que se trata de uma abordagem aproximada, tendo em vista que a pesquisa está em desenvolvimento.

2 A CONSTITUIÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

No final da década de 1960, Touraine (1970) chamava a atenção para a necessidade de se pensar a sociedade a partir das fortes transformações que aconteciam no período. Tratava-se de um apelo ao gradativo distanciamento das categorias sociológicas construídas até aquele momento para que, em vista disso, o novo arranjo social pudesse ser entendido em sua nova configuração: uma *sociedade pós-industrial*.

Estão a formar-se, à nossa vista, sociedades dum novo tipo. Chamar-lhes-emos sociedades post-tradicionais, se quisermos marcar a distância que as separa das sociedades de industrialização que as precederam e que com elas se encontram ainda misturadas, tanto sob a sua forma capitalista como sob a sua forma socialista [...]. (TOURAINÉ, 1970, p. 7).

À época, Lyotard (1998) procurava dar um conteúdo mais palpável ao conjunto dessas transformações. Segundo ele, o que deveria ser levado em consideração era o distanciamento radical, que se manifestou na segunda metade do século XX, de uma conjuntura social que se mantinha sustentada nos metadiscursos tanto de base religiosa quanto filosófica. As condições sociais haviam passado por uma alteração substantiva e poderia agora ser entendida a partir do fato de que vivemos numa *era da informação*, onde os indivíduos foram submetidos a um modo de sociabilidade com elevado grau de dinamismo antes inexistente.

Denominada *sociedade pós-tradicional* ou *era da informação*, as condições sociais não apenas foram alteradas de modo impar como também passaram a exigir um esforço de outra ordem por parte da Sociologia, que não pôde mais permanecer alheia ao desafio de compreender o dinamismo social numa época de extrema fluidez do novo estilo de vida que passou a condicionar os indivíduos e os grupos sociais. O redimensionamento da Sociologia, diante desta nova tarefa, trouxe categorias explicativas, em grande medida, desvinculadas de todo o percurso anterior. De maneira semelhante, os diagnósticos produzidos a partir deste momento acerca do comportamento social e de sua expressividade abriram caminho para a constante construção e reconstrução dos novos modelos teórico-metodológicos. Destacase, neste sentido, para a elaboração deste trabalho, o novo tratamento dado à questão da subjetividade em nossos dias, como sendo parte deste movimento teórico mais amplo da Sociologia e, ao mesmo tempo, do movimento ininterrupto próprio da sociedade atual.

No tocante ao debate sobre a construção da subjetividade nas sociedades

contemporâneas, Hall (2005) caracterizou três fases que permitem perceber, em linhas gerais, o deslocamento atual em relação ao modo pelo qual a subjetividade se constituía anteriormente. A aposta feita pela modernidade filosófica entre os séculos XVI e XVIII na noção de Razão demarcou um espaço estático de formação da subjetividade, entendido através da imagem de um *sujeito cognoscente* que foi sendo reforçado em diferentes perspectivas teóricas, chegando a indicar a possibilidade de uma plena autonomia dos indivíduos, viabilizada pela ampliação da racionalidade sobre todas as esferas da vida em sociedade e do comportamento humano. Entretanto, o século XIX denunciou a fragmentação desta subjetividade altamente racionalizada, revelando a incapacidade inerente aos indivíduos de se constituírem sob o pressuposto da emancipação. Diferentemente disso, a constituição da subjetividade passou a ser entendida como advinda de fora, do âmbito social, circunscrito por interesses fragmentados e pela disputa sempre presente que pretende objetivar a realização de tais interesses. Surgia, assim, a figura de um *sujeito sociológico* como base de constituição da subjetividade. Por fim, a falência deste tipo de subjetividade se deu com a potencialização da fragmentação dos interesses dos indivíduos/grupos seguida da concepção de que tais interesses atuam como força propulsora do comportamento social. Como reflexo disso, emergiu no plano teórico nos últimos anos uma terceira forma de constituição da subjetividade: o *sujeito pós-moderno*.

Como síntese da configuração da subjetividade em nossa época, a noção de sujeito pós-moderno apresentada por Hall (2005) tem sido capaz de orientar a compreensão do estágio mais radicalizado de fragmentação social em atuação e suas implicações. Em diferentes sentidos, a questão da subjetividade passa a ser compreendida diante de uma perspectiva de *crise*, de modo que a própria noção de subjetividade surge como categoria em crise; e quando não, de completo esgotamento através de um contexto que impossibilita sua construção de maneira estável. É o caso, por exemplo, da análise proposta por Birman (2006), que procura investigar os limites da constituição das subjetividades contemporâneas através dos componentes fisiológicos que as ordenam. Em outras palavras, o conteúdo que determina a formação da subjetividade no atual estágio de fragmentação social deve ser visto a partir dos condicionantes externos aos indivíduos que, ao buscarem um nível satisfatório de realização de suas necessidades, permanecem presos na dimensão do *mal-estar* desencadeado pela impossibilidade desta realização; como elemento central deste mal-estar aparece a constante e não controlável sensação de dor ocasionada pela frustração das expectativas.

Imersa que fica na dor e no ressentimento, portanto, a subjetividade contemporânea se evidencia como essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro, de forma a fazer um apelo. Isso porque pega mal precisar do outro, pois isso revelaria as falhas do demandante. Na cultura do narcisismo, as insuficiências não podem existir, já que essas desqualificam a subjetividade, que deve ser auto-suficiente. Em contrapartida, o sofrimento é uma experiência alteritária. O outro está sempre presente para a subjetividade sofrente, que se dirige a ele com seu apelo. Daí sua dimensão de alteridade, na qual se inscreve a interlocução na experiência do sofrimento. Isso porque a subjetividade reconhece aqui que não é auto-suficiente como na dor. (BIRMAN, 2006, p. 192).

Para além do aspecto psicológico da constituição da subjetividade em nossos dias, outra via possível para se entender sua dimensão de crise está localizada em torno do debate cultural. Neste sentido, em termos da teoria social contemporânea, o problema da subjetividade não se dá somente como frustração das expectativas dos indivíduos particularizados em torno de seus interesses, mas, sim, é o aspecto cultural que outrora definia e modelava os grupos sociais que passa a sofrer o abalo desencadeado pelas profundas transformações sociais. A identidade dos grupos, neste processo, fica impossibilitada de encontrar sua autoafirmação e, por consequência, a crise da subjetividade assume a forma de esvaziamento da identidade cultural que deveria ser o elemento de coesão de tais grupos. No cerne deste problema reside o fenômeno da *globalização*, o qual se move desarticulando os espaços e as temporalidades dos grupos sociais e, ao passo que se amplia, demonstra a sua capacidade de gerar novas lacunas na formação das subjetividades. Podemos destacar três efeitos diretamente vinculados à semântica da globalização que aparecem situados na geração destas lacunas: 1) o deslocamento das fronteiras que aniquila a autonomia local, 2) a exploração descontrolada dos recursos naturais que assume a forma de dependência econômica entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos e, 3) o declínio dos Estados Nacionais que buscam alternativas para a manutenção da soberania necessária para a administração interna de seus territórios. Respectivamente, trata-se de efeitos estendidos simultaneamente em três esferas: cultural, econômica e política.

Segundo argumenta Ribeiro (2002), nos três aspectos a relação conflituosa entre os níveis local e global aparece como problema central na definição da identidade cultural. Se, por um lado, o multiculturalismo é uma alternativa de luta contra o movimento globalizante, de outra maneira, é este mesmo movimento que inviabiliza a concepção de uma cultura colocada além das diferenças locais e que seria responsável por dispor de respostas mais

abrangentes às lacunas das relações humanas e sociais. De maneira inversa, pensar a partir de uma cultura hegemônica implica, inevitavelmente, em apagar as diferenças sociais que lutam em busca de seu espaço e reconhecimento.

Em suma, a dicotomia que caracteriza o processo de construção e desconstrução das fronteiras culturais exige que tais fronteiras sejam mantidas, sendo o respeito de umas para com as outras a principal via de superação das dificuldades na formação da identidade e, ao mesmo tempo, do desafio de promover a emancipação social de todas simultaneamente.

Construir o Outro, nesta acepção, implica construir a fronteira que dele me separa – a fronteira começa por ser, antes do mais, a linha imaginária sobre a qual se projeta a noção de diferença e a partir da qual se torna possível a afirmação da identidade. Por mais difuso e errático que se tenha tornado o conceito de cultura, a construção das fronteiras continua a ser inseparável desse conceito. Sendo verdade que, como escreve João Arriscado Nunes – pensando, nomeadamente, na diluição do ‘*great divide*’ imposto pelos tabus estéticos modernistas (HUYSEN, 1986) –, a “defesa e preservação [das fronteiras, divisões, separações e oposições] parece ter deixado de constituir o objetivo central das práticas culturais” (NUNES, 1996, p. 38-39), de modo nenhum implica que as fronteiras se tenham tornado irrelevantes, podendo argumentar-se que, sem a noção de fronteira, o conceito de cultura ele próprio se torna virtualmente impensável.

Quanto mais o mundo globalizado é concebido como um sistema interactivo, tanto mais virtual se torna pensar a forma dessa interacção e tanto maior resulta, em conformidade, a importância estratégica do conceito de fronteira – sendo certo que, como lembrava acima, a globalização não elimina as fronteiras, mas simplesmente as desloca, de acordo com as complexas redefinições da relação entre o local e o global que lhe são inerentes. (RIBEIRO, 2002, p. 481-482).

A tensão gerada no confronto entre o local e o global reaparece com maior ênfase quando se trata de refletir acerca de problemas transversais que assumem uma textura global na contemporaneidade. Destaca-se, como expressão mais imediata destes problemas, a situação ambiental que força o debate a superar o âmbito micro/local para encontrar propostas englobantes, onde as diferenças precisam alcançar um ponto comum no diálogo, assumindo a responsabilidade pela preservação do planeta na forma de manutenção do meio-ambiente. Por conseguinte, os mecanismos de elaboração deste ponto em comum para o diálogo se revelam também como parte daquilo que há para ser construído em

conjunto, sem deixar as necessidades locais se manifestarem acima dos problemas globais.

Conforme entende Altvater (1999), o que há para ser construído ultrapassa, enquanto ponto da pauta da agenda global, as considerações de qualquer grupo dentro da sociedade, seja qual for sua natureza (étnica, racial, movimento social, entre outros), e, ao mesmo tempo, deve ser visualizado em conjunto com uma série de questões de igual importância. Portanto, o debate sobre os problemas ambientais precisa transcender a diferença dos debatedores sem desrespeitá-las e, também, precisa ser composto por outros pontos de diversas matrizes teóricas e sociais: o problema do desenvolvimento, da democracia, da participação igualitária de todos, dos direitos humanos e assim por diante.

Deriva desta concepção o fato de que não se pode tentar resolver os problemas ambientais esquivando-se de outros problemas mais abrangentes, dentro os quais aparece a constituição da subjetividade. Novamente, se faz necessário respeitar a fragmentação que rearticula as identidades ao nível local e, simultaneamente, pensar alternativas para ultrapassar tais identidades em função dos problemas globais. Sinalizando para isto, González-Casanova (2006) vê na busca de um debate amplo a possibilidade de construção de alternativas para os problemas sociais:

La alternativa para el estado neoliberal será una democracia social diferente del estado benefactor, del populista y del socialismo real. Lo único que sabemos es que será una alternativa democrática que luche por el poder de la mayoría y para una economía de la mayoría en cada nación y en el nivel mundial. Ése es el proyecto que hay que pensar y realizar. (GONZÁLEZ-CASANOVA, 2006, p. 54-55).

A tensão essencial que aparece na questão da formação das identidades é marcada pela oscilação entre o local e o global, estando este viés conflituoso não apenas direcionado às próprias subjetividades como também aos problemas mais abrangentes que ultrapassam, em termos de tentativa de resolução, qualquer singularidade no tecido social. Assim, o debate atual insiste na ideia de que devemos respeitar as diferenças, mas não devemos permanecer nelas. A superação do particular em direção ao universal emerge como uma alternativa para se pensar e propor respostas aos problemas que atravessam a sociedade como um todo.

Parte significativa das propostas teóricas em Sociologia tem demonstrado o interesse em clarear cada vez mais a maneira pela qual se dá a constituição das subjetividades. É o caso, por exemplo, dos trabalhos realizados por Castells (2000) e Giddens, Beck e Lash (2002). Respectivamente, encontramos como horizonte interpretativo da situação: a) uma sociedade

que se constitui através de redes flexíveis que se articulam/desarticulam seguidamente; b) um estilo de vida social solto de qualquer padrão fixo/estável que era próprio das sociedades tradicionais reguladas dentro de uma ordem em que as dimensões de tempo e espaço apresentavam baixo grau de variação; e c) um ambiente líquido como forma de articulação social, em função do qual tanto os grupos sociais quanto os indivíduos procuram pontos de interação mesmo diante de uma instabilidade social sempre presente.

Apesar de ser este um quadro denso e amplo, o interesse deste trabalho, a partir daqui, é pensar uma das questões que aparece em meio a ele: o posicionamento da Sociologia que, em certo sentido, é envolvido pela fragmentação social na formação das subjetividades. As tendências metodológicas atuais dentro da Sociologia apontam para a preocupação crescente em direção às singularidades sociais. O que antes era identificado como a busca pela explicação do espaço microssocial em oposição às explicações macrosociais de longo alcance, hoje se caracteriza mais em virtude da necessidade de compreender o lugar e os contornos da formação das subjetividades que se constituem carregadas de singularidades. É nesta via que se dá a questão metodológica.

3 O POSICIONAMENTO DA SOCIOLOGIA DIANTE DAS NOVAS SUBJETIVIDADES

Pode-se dizer que a estruturação da Sociologia corresponde aos contornos assumidos pela realidade social tomada como seu objeto. Este pressuposto, utilizado por autores como Fernandes (1980), não apenas ilumina este fator tão próprio a esta área de saber como também demarca a diferenciação substancial entre ela e praticamente todas as demais. Tal pressuposto afirma serem as ciências sociais, como um todo, reflexo do movimento da cultura da qual elas surgiram e, por conseguinte, qualquer alteração apresentada em seu quadro teórico-metodológico é expressão das alterações culturais que compõem sua base de configuração. De fato, assumir esta tese implica em aceitar outro estatuto epistemológico para a Sociologia, em função do qual ela passa a ser pensada como uma ciência ímpar no quadro das ciências que surgiram na modernidade.

Se a ciência do social é extensão do próprio universo social, cabe ao teórico desta área avaliar constantemente as novas determinações que regem a sociedade, para depois expor seu parecer com relação às novas determinações que orientam as pesquisas

sociológicas, tanto no arcabouço conceitual disponível quanto no encaminhamento metodológico possível. Assim, a questão levantada neste momento do trabalho se volta para elucidar os novos caminhos assumidos pela Sociologia no instante em que o tecido social é marcado pelo surgimento de um novo cenário, conforme apresentado no ponto anterior, responsável pela constituição de novas subjetividades/identidades essencialmente distintas daquelas que, em períodos anteriores, indicaram o rumo das pesquisas nesta área.

É nesta direção que Leff (2007) apresenta uma análise acerca da relação entre as ciências e seus respectivos domínios, procurando resgatar o espaço de articulação das diferentes ciências. No caso da Sociologia, seu horizonte de atuação está previamente delimitado pelos domínios do campo social que a subjaz, enquanto que, por outro lado, as ciências naturais se movimentam impulsionadas pelos condicionantes da natureza: da configuração do meio social emerge um tipo específico de cientificidade e do ambiente ligado à natureza aparece um modelo de cientificidade com outras características. Entretanto, a proposta apresentada pelo autor coloca sob análise sociológica os domínios aparentemente restritos das ciências naturais, pois toda a construção teórica que gerou este campo específico de saber esteve presa ao processo social que, de maneira abrangente, permitiu o avanço de uma ideologia capaz de construir os fundamentos da ciência na modernidade.

Pero la ciencia moderna no se constituyó como consecuencia directa de la transformación de la naturaleza em objetos de trabajo y de la creciente demanda de conocimientos tecnológicos. Ésta emergió como resultado de las transformaciones ideológicas, vinculadas con la disolución del sistema feudal y el surgimiento del capitalismo, que establecieron un nuevo marco epistémico para la producción de conocimientos: Copérnico desplazó a la Tierra del centro del universo; Descartes produjo al sujeto de la ciencia como principio productor, autoconsciente de todo conocimiento. (LEFF, 2007, p. 23).

A realidade exposta pelos diferentes ramos da ciência é resultante da articulação manifestada entre três esferas que se integram mutuamente: o objeto real, o objeto de trabalho e o objeto de conhecimento. Na composição derivada delas se constituiu a percepção científica da realidade como síntese das inúmeras determinações. Doravante, o biólogo que apreende um aspecto da realidade ainda desprovido de qualquer tipo de interpretação (objeto real) e sobre ele dirige uma carga semântica proveniente de seus esforços e da concepção prévia que sua área de saber lhe forneceu (objeto de trabalho) e, que no limite de sua investigação, atinge um conhecimento “x” sobre a realidade (objeto de conhecimento)

atua no mesmo registro procedimental do físico ou do químico, por exemplo. Todavia, apenas através do horizonte sociológico, capaz de estabelecer as reais determinações das práticas científicas, pode ser atingida uma compreensão mais ampla da constituição e do lugar da ciência: “Todo esto implica la *articulación práctica* de diferentes ramas de la ciencia y la técnica em el proceso económico y en el control político de los agentes sociales, que permite la reproducción ampliada del capital” (LEFF, 2007, p.34).

Os *processos materiais* delimitam um horizonte unívoco de constituição das diferentes formas de saber, no aspecto teórico e/ou metodológico, viabilizando um espaço de fusão entre as ciências: “La articulación de las ciencias se da como una articulación de los efectos de los procesos materiales de los que éstas dan cuenta a través de sus objetos de conocimiento” (LEFF, 2007, p.40). Tal espaço serve como suporte para a transdisciplinariedade e a interdisciplinariedade, formando o *principio transcienceífico* que, por sua vez, apresenta-se como uma vantagem do ponto de vista metodológico para uma abordagem integral da realidade. Com efeito, num período de profundas transformações, a Sociologia pode se beneficiar deste princípio como uma resposta palpável para as lacunas que se apresentam, visando reavaliar o quadro de suas teorias sobre a realidade social e, ao mesmo tempo, seus procedimentos metodológicos.

Outra resposta a essas questões está presente na perspectiva de González-Casanova (2006). Contudo, para este autor, o problema a ser superado dentro do campo das ciências sociais diz respeito à necessidade de se obter uma comunicação unilateral como condição indispensável de realização epistemológica de uma área de saber. Este critério apenas pôde ser seguido dentro do modelo epistêmico das “ciências duras” (ciências naturais) que, no auge da sua fundamentação na modernidade, mantiveram-se preocupadas com a segurança e validade de suas assertivas em termos gnosiológicos, sem antes mesmo se perguntar pelos condicionantes sociais/ideológicos que orientam a construção do conhecimento.

Al planteamos el problema de la comunicación em ciencias sociales debemos reconocer las necesarias diferencias entre lo manifiesto y lo profundo de los discursos científicos que son inevitablemente políticos. Y reconocer las necesarias diferencias de civilizaciones, culturas, ideologías y teorías. (GONZÁLEZ-CASANOVA, 2006, p. 200).

A natureza singular da ciência do social fez com que outras esferas fossem priorizadas em função de uma percepção totalizante das condições de possibilidade do conhecimento. Neste sentido, as afirmações que foram mantidas como incontestáveis no transcorrer da

modernidade encontram, com o surgimento das ciências sociais, seu ponto de inflexão. A Sociologia precisou recorrer a um posicionamento mais *lato* que pudesse determinar as reais condições da construção do conhecimento, considerando não apenas as relações estáticas, tais como a dicotomia entre *sujeito* e *objeto*, para, em lugar destas, pensar a relação entre os *conceitos* – produtos estritamente científicos –, as *palavras* – elementos essenciais na produção científica –, e os *fatos* que transcendem o aspecto puramente científico em direção aos interesses dos construtores do conhecimento.

Ao considerar esta tríade que circula a produção científica, a Sociologia ousou colocar em evidência a fragilidade das estruturas fechadas, defendidas durante a modernidade. O mérito disso ultrapassa a condição crítica para atingir novos elementos antes desconsiderados: a comunicação científica nas ciências sociais deve operar num nível de constante construção discursiva, onde a postura *dialogal* e *dialética* assume o ponto de partida da produção de validação do conhecimento acerca da realidade social.

Una estrategia de comunicación social, y em ciencias sociales supone la definición, la caracterización y el análisis tanto de las categorías hegemónicas como de las categorías alternativas. Demanda un registro fidedigno de los respectivos planteamientos, de las diferencias y oposiciones, y de las simpatías o puntos de coincidencia. Implica, además, una visión retrospectiva de las definiciones opuestas de conceptos. Busca los antecedentes inmediatos de las simpatías y diferencias a partir de debates y diálogos vivos. Toma en cuenta la actual reestructuración, desestructuración y construcción de conceptos por sujetos sociales y cognitivos de especialistas y de no especialistas. Esclarece la historia o formación reciente de conceptos contrarios y consensuados. (GONZÁLEZ-CASANOVA, 2006, p. 211).

Em vista deste modo de proceder, as ciências sociais se tornam aptas a encontrar níveis mais profundos de entendimento da formação dos conceitos nas ciências em geral. Abandonar o modelo de comunicação previamente definido pela epistemologia moderna, como o mais adequado para a produção de um saber seguro, é a garantia de apresentar os *conceitos profundos* que expressam as reais determinações de uma época e sua respectiva produção sociocognitiva. Tais conceitos têm a vantagem de articular os resultados finais da atividade científica com seu percurso de construção, cenário este que ficaria deficiente se o anseio da “comunicação fechada” apresentado pela epistemologia moderna fosse o norte de atuação também das ciências sociais.

O mesmo percurso analítico que afirma a impossibilidade de uma comunicação estática nas ciências sociais também defende a incompatibilidade desta área com a elaboração

de um saber carregado de certeza permanente. Trata-se do ponto de vista apresentado por Roitman-Rosenmann (2006), que separa, de modo enfático, as *ciências da certeza* e as *ciências da incerteza*. O primeiro modelo de cientificidade opera com a crença de que o conhecimento pode ser composto por assertivas invariáveis e não submetidas às transformações histórico-sociais; inversamente, o segundo, inerente ao quadro que compõe a ciência do social, só pode se legitimar no instante em que abandona a crença de um conhecimento permanente e não submetido aos condicionantes sociais que alimentam sua formação. Conforme assegura o autor:

Hoy, presenciamos una situación histórica caracterizada por un cambio en la forma de pensar y hacer ciencia, donde método y teoría son cuestionados en sus cimientos: son las ciencias de la incertidumbre. En su interior conviven disciplinas que abren caminos desde los cuales se contemplan paisajes inéditos. (ROITMAN-ROSENMANN, 2006, p. 264).

Entretanto, a proposta do autor, ao averiguar a distância entre a *certeza* como finalidade de uma área de saber e a *incerteza* (ou flexibilidade) do conhecimento por parte da outra, não passa por mera oposição de perspectivas. É necessário, apesar das distinções, avaliar o cruzamento dos dois horizontes epistemológicos com o propósito de promover uma contribuição mútua entre os campos de investigação.

En conclusión, ciencias de la certidumbre y ciencias de la incertidumbre, unidade dialéctica contradictoria. De esta contradicción surge la necesidad de diálogo, de aproximación de posiciones. El objetivo del conocimiento y del saber no estriba en apoyar el poder o fundar academias de ciencias, artes y humanidades. Su razón se encuentra en la búsqueda que nos facilite desarrollar los principios éticos contenidos en la condición humana. (ROITMAN-ROSENMANN, 2006, p. 279).

Quando observadas em conjunto, estas perspectivas demonstram a necessidade que as ciências sociais adêquem seu campo de atuação aos contornos (em movimento) da realidade social. Enquanto um modo de construção dos pressupostos metodológicos, os autores convergem para a pretensão de apresentar a Sociologia distante dos interesses epistemológicos estáticos que outrora foram desenvolvidos pelas ciências naturais. Em contrapartida, a Sociologia aparece como uma esfera flexível de produção de conhecimento que considera, entre outros elementos, o percurso sociocognitivo da mentalidade já presente na sociedade e, ao mesmo tempo, procura integrar suas assertivas à polissemia discursiva que sustenta o fluxo social.

Em Caria (2003) podemos identificar este esforço não apenas nos pressupostos metodológicos, mas também na construção das técnicas de investigação que se aproximam do procedimento etnográfico para não perder de vista a singularidade inerente ao universo social no momento em que o conhecimento é construído. “A nossa proposta é a de conjugar e fazer coexistir a linguagem da experiência, de estar e pensar no trabalho de campo, com a linguagem da teoria, que permite objectivar e racionalizar o que ocorreu.” (CARIA, 2003, p. 10). Em vista disso,

O etnógrafo, nas Ciências Sociais, ao pretender compreender tem para isso que ‘viver dentro’ do contexto em análise, apesar de não se transformar num autóctone. Assim, a etnografia supõe um período prolongado de permanência no terreno, cuja vivência é materializada no diário de campo, e em que o instrumento principal de recolha de dados é a própria pessoa do investigador, através de um procedimento geralmente designado por *observação participante*. (CARIA, 2003, p. 12).

Se a principal marca da modernidade, em termos da fundamentação do conhecimento científico, é a separação dicotômica entre o *sujeito* que conhece e o *objeto* que é conhecido, a postura da Sociologia na atualidade parece caminhar no sentido de conjugar ambas as dimensões, de sorte que o *objeto* é, em síntese, composto pelas experiências sociais delineadas por agentes sociais com aspirações e comportamentos variantes e carentes de respeito por parte do pesquisador. Assim,

Uma outra especificidade da etnografia está no posicionamento *periférico* do investigador relativamente às dinâmicas de interação social. O quotidiano é apreendido por referência central à racionalidade contextual do ‘nativos’ e não às representações sociais ou às racionalidades importadas do exterior ou situacionalmente accionadas em entrevistas pontuais [...]. (CARIA, 2003, p. 14).

Em resumo, é válido afirmar que as preocupações da Sociologia em nossos dias estão distantes de qualquer pretensão de explicação de longo alcance sustentada por uma concepção universal de realidade social. Por consequência, a Sociologia se coloca cada vez mais próxima das transformações sociais que exigem um elevado nível de compreensão. Este fator contribui para a apreensão do comportamento dos usuários de plantas medicinais na cidade de São Carlos, SP, uma vez que o objeto em questão é caracterizado dentro das manifestações de formação da subjetividade próprias da nossa época e, devido a isso, requer um posicionamento metodológico capaz de corresponder às expectativas teórico-conceituais, aptas a compreender as novas formas de manifestações sociais.

4 NOTAS SOBRE OS USUÁRIOS DE PLANTAS MEDICINAIS

Em uma pesquisa sobre o mercado mundial de produtos agrícolas orgânicos Dullely (2003) afirma que o uso de plantas com fins medicinais tem crescido significativamente; um aumento de 20% ao ano revela que cada vez mais os brasileiros estão preocupados em encontrar recursos alternativos para os problemas de saúde, seja por não conseguirem resolver tais problemas através dos medicamentos receitados pelos médicos, seja pela tentativa de escapar dos efeitos colaterais que estes medicamentos por vezes apresentam, como, por exemplo, desencadeamento de outros problemas de saúde e/ou distúrbios no sono.

Impulsionado por esta situação, um considerável campo de estudos tem se formado em torno das plantas medicinais atualmente, envolvendo diferentes áreas de saber: Botânica, Biologia, História, Antropologia, Sociologia, entre outras. As pesquisas produzidas caminham desde as classificações dos diversos tipos que a flora brasileira oferece, passando pelas técnicas de manipulação, até as abordagens que tentam solucionar as lacunas da comercialização das plantas. Assim, se num primeiro momento a riqueza da biodiversidade existente no Brasil e o amplo uso medicinal das plantas impressionam os pesquisadores, é, sem dúvida, o descontrole gerado a partir da biopirataria o elemento mais assustador (SHIVA, 2001), o qual não reside apenas na comercialização ilegal, mas, principalmente, no desequilíbrio ambiental que esta prática pode ocasionar. Diante disso, algumas propostas aparecem no sentido de regularizar o comércio das plantas medicinais de forma segura, orientada e, portanto, sob o controle de uma legislação específica para isso (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006).

Na tentativa de evitar que o uso das plantas medicinais acabe por refletir problemas tanto ao meio natural quanto ao meio cultural, o debate atual encontrou outra questão: o vínculo indissociável entre o uso das plantas medicinais e a cultura dos diferentes grupos detentores da técnica de manipulação e, por vezes, do cultivo das plantas. No Brasil, assim como em outros vários países do mundo, tais grupos, denominados de populações tradicionais, tornaram-se o foco das atenções voltadas para a possibilidade de apropriação e desenvolvimento científico-tecnológico dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais, bem como da necessidade de se estabelecer mecanismos de controle da propriedade intelectual destes conhecimentos (ALMEIDA, 2008), sem perder de vista o direito ao conhecimento que tais populações possuem.

Entretanto, se de um modo a discussão em torno das plantas medicinais foi direcionada para o reconhecimento das populações tradicionais, noutra direção o uso de tais plantas começou a aparecer em várias regiões do país descolado da base tradicional como condição geográfica sem perder a característica de um conhecimento tradicional. Trata-se, pois, da formação de rede de relações dentro do meio urbano que, articuladas pela prática fitoterápica ainda não filtrada por um conhecimento científico-tecnológico, manifestam um significativo nível de solidariedade compartilhada na busca da solução de problemas de saúde por meio do uso das plantas medicinais.

Embora seja uma situação crescente nos últimos anos em diferentes regiões do país, não encontramos nenhum estudo aprofundado acerca da natureza social destas redes no tocante ao tipo de organização que apresentam, bem como seu perfil mais geral e sua capacidade de empreender a formação de uma identidade sobre as pessoas envolvidas. Acreditamos, pois, que uma abordagem sociológica pode fornecer esta caracterização acerca das relações provenientes do uso de plantas medicinais no meio urbano que ainda comportam uma dimensão tradicional. No caso específico que vamos apontar para esta pesquisa, outros elementos emergem com igual intensidade para o interesse investigativo, como, por exemplo, a aproximação desta rede com outros grupos sociais, elemento este responsável por uma manifestação mais clara da integração presente entre os usuários de plantas medicinais. Para explorar tais aspectos, a proposta é analisar, preliminarmente, a rede de usuários de plantas medicinais na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo.

José Luis Rabello, popularmente conhecido por Zé Mateiro, se destaca na articulação dos usuários de plantas medicinais na cidade de São Carlos, devido ao seu conhecimento sobre as plantas. Por meio de entrevista aberta, constatamos que, na autopercepção de Zé Mateiro, todo o seu conhecimento é resultado de um aprendizado que teve com o pai e o avô, os quais lhe ensinaram desde muito cedo – aos oito anos de idade – a identificar as plantas tanto no cultivo quanto na aplicação medicinal das mesmas; ajudando-os na formação de jardins, hortas e pomares em São Carlos. E na região aprendeu as primeiras práticas graças à enorme curiosidade que possuía e, depois disso, sua qualidade de autodidata tornou possível alcançar um conhecimento mais profundo.

No entanto, destaca Zé Mateiro, todo seu conhecimento sobre o assunto não serviria para nada se não pudesse ser repassado para as pessoas. Isso é importante para ajudá-las em seus problemas de saúde e, ao mesmo tempo, despertar nelas o interesse na

preservação do Planeta Terra. Com isso, a “arte de curar através das plantas” é um dom de Deus, este Criador que, ao fazer o Homem, também fez todas as coisas ao seu redor com o propósito de que ele, o Homem, e o Planeta Terra vivessem em harmonia. Assim, Zé Mateiro acredita que, ao ajudar as pessoas através de seu conhecimento, também está seguindo a Vontade de Deus, ajudando na preservação do Planeta Terra.

Estas concepções acerca das plantas medicinais e de seu conhecimento sobre elas, Zé Mateiro transmite para a população de diferentes maneiras: 1) há três anos por meio do programa diário que ele apresenta numa rádio local, atendendo as participações por telefone e indicando as plantas e o respectivo preparo delas para cada problema de saúde em específico; 2) toda semana se dedica a uma palestra em diferentes regiões da cidade; 3) escreve e divulga livros sobre o tema. E, segundo ele comenta em entrevista aberta que realizamos, essa relação que mantém com as pessoas é a meta que assumiu para sua vida nos últimos anos: “fazer com que o conhecimento das plantas medicinais seja democratizado”.

Zé Mateiro publicou seu primeiro livro em 2006 (*Aprendendo com a Mãe Terra*) junto com Nicete Campos, jornalista e escritora que também reside na cidade de São Carlos. Em 2007 publicou sozinho o segundo livro sobre plantas medicinais (*Planeta Terra: Volume 1*), agora como parte de um plano pessoal. Quando questionado sobre a pretensão de cientificidade presente nos livros, Zé Mateiro disse que desde a primeira publicação, em 2006, tinha-se claro que o objetivo era ajudar as pessoas, sendo o melhor modo para fazer isso a transmissão dos conhecimentos que ele tinha herdado do pai e do avô junto com o conhecimento desenvolvido como autodidata, os quais conseguem curar diversos problemas de saúde. E, de fato, isso já aparece na introdução do livro publicado em 2006:

Essa pequena introdução à arte da medicina fitoterápica, contendo 50 variedades de plantas medicinais aqui compiladas, com fotografias digitalizadas para o melhor reconhecimento do vegetal, não tem a pretensão de ser completa no que concerne a cientificidade das mesmas. Apenas o que se busca, é o resgate dos conhecimentos populares que se extingue a cada dia que se passa. Nosso prazer consiste em levar às pessoas alguns conhecimentos básicos desses vegetais, de uma maneira simplificada, mas eficaz. (RABELLO; CAMPOS, 2006, p. 22).

Um traço significativo na relação dos usuários de plantas medicinais em questão é o fato de que cada membro conduz sucessivamente a uma série de outros. Em entrevista aberta feita com D. Josefina, moradora do bairro Vila Monteiro, localizado na Zona Sul da cidade de São Carlos, foi possível obter uma lista de contatos de outros usuários, dos quais

grande parte ela considera com bastante proximidade graças às relações de troca de plantas e informações sobre o preparo e cultivo das mesmas. Comenta ainda que a relação que estabelece com tais pessoas passou a ser de amizade, devido ao interesse que a maioria possui em ajudar aos outros, o que leva a uma corrente de solidariedade onde sempre é possível encontrar alguém para pedir um auxílio nos momentos de dificuldades. D. Josefina tem problemas renais e diabetes há cerca de cinco anos e segue as indicações de Zé Mateiro. E, segundo ela, depois que o programa no rádio passou a existir ficou ainda mais fácil encontrar meios para se conseguir as plantas, uma vez que basta ligar e deixar o pedido, que sempre aparece alguém que tem a planta necessária.

Uma observação preliminar permite reconhecer a configuração de uma rede de relações entre os usuários das plantas medicinais, que começa com o propósito de cura de alguma doença e se estende para o nível das relações pessoais, que envolvem solidariedade mútua, caracterizando um grupo social com um elevado nível de solidariedade compartilhada e, portanto, portador de estável integração social. Acreditamos que tal rede gradativamente foi solidificada, fornecendo um elemento de coesão social capaz de definir a identidade do grupo de um modo mais abrangente. Isto se deve, em grande medida, à articulação constituída em torno das atividades de Zé Mateiro e, seguido a isso, ao desenvolvimento de uma configuração estratégica das atividades na cidade como um todo. Contudo, o conflito gerado pela oposição dos médicos e dos ambientalistas às atividades da rede parece agora tornar manifesta uma realidade que estava implícita: o uso das plantas medicinais ultrapassa os limites de uma prática individual para contribuir na formação de uma identidade dentro de uma rede de relações que vai gradativamente sendo consolidada, o que faz da situação um fenômeno relevante para uma abordagem sociológica.

Desta hipótese inicial, viabiliza-se o mapeamento da configuração da rede de usuários, destacando os traços de constituição de uma identidade social que comporta simultaneamente o estilo de vida urbano, cada vez mais racionalizado do ponto de vista das diferentes práticas cotidianas, e um estilo de vida tradicional mantido pelo uso das plantas. Desta combinação, aparentemente paradoxal, podemos destacar uma *formação diferenciada da identidade social* na medida em que os usuários não tomam ambos os estilos de vida como excludentes, mas preservam um equilíbrio constante entre eles.

Acompanhando as atividades de Zé Mateiro (palestras e programas de rádios) tornar-se-á viável a mensuração da rede (número de usuários, suas práticas e sua disposição

geográfica), bem como dos pontos centrais para a aplicação dos questionários. Por fim, são realizadas entrevistas semiestruturadas com os médicos e ambientalistas, que assumem uma postura contrária àquela adotada pelos usuários das plantas medicinais, com o propósito de fazer uma caracterização de seus pontos de vista e, por conseguinte, do atual estágio do confronto que promove a manifestação da identidade de resistência por parte dos usuários de plantas medicinais.

Em se tratando da apreensão total da rede, o principal foco de abordagem é a combinação dos elementos teóricos com a situação concreta pesquisada. Tal combinação visa pensar a subjetividade desenvolvida por meio do uso de plantas medicinais, considerando o espaço de uma nova forma de sociabilidade que se mantém sustentada nas práticas compartilhadas e, junto a isso, superando o distanciamento espacial dos usuários.

A metodologia adotada para a realização da pesquisa combina os elementos teóricos com os dados empíricos de tal modo que a teoria possa nortear a observação do objeto e este, por sua vez, consiga contribuir para o avanço dos elementos teóricos e metodológico utilizados. Para tanto, em se tratando das questões teóricas envolvidas na análise, realiza-se um levantamento bibliográfico mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais especializado em cada uma das questões que constituem o objeto como um todo. De outro modo, a pesquisa empírica tem por intuito a fusão de dois tipos de abordagem: quantitativa e qualitativa (MINAYO, 1994).

A abordagem quantitativa é realizada através da aplicação de questionários e, com ela, pretende-se mapear a trajetória e o perfil socioeconômico dos usuários das plantas medicinais. Enquanto que a pesquisa qualitativa está baseada no acompanhamento das atividades de Zé Mateiro e dos pontos de distribuição das plantas medicinais. Tomando estes dois aspectos como iniciais para a apreensão da rede, seguiremos com entrevistas com as pessoas que dela participam. Neste segundo modo de abordagem empírica do objeto pretendemos compreender as representações sociais que sustentam a “memória coletiva” da rede (HALBWACHS, 1990), fazendo presente no comportamento dos usuários a mentalidade tradicional, que retorna com relevância através da crença depositada no tratamento dos problemas de saúde com as plantas (conhecimento tradicional).

Um tratamento metodológico diferenciado é compreendido na abordagem do lugar ocupado por Zé Mateiro dentro da rede. Para isto, a proposta realiza-se com entrevistas semidiretivas em que o discurso com maior grau de abertura do entrevistado pode fornecer

novos elementos ainda não identificados até o presente momento, o que caracteriza o ponto de partida da investigação por meio de cadeias de referências que gradativamente serão ampliadas para a configuração da amostragem até os usuários das plantas, metodologia denominada de *snowball sampling* e inicialmente desenvolvida por Goodman (1961).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos extrair algumas conclusões das abordagens feitas até o presente momento. (1) As novas formas de sociabilidade presentes no contexto social pós anos 1970 se apresentam com elevado grau de dinamismo, exigindo recursos metodológicos cada vez mais diferenciados para uma análise completa de seu movimento; (2) o debate pós-moderno, que tenta pensar a formação da identidade social como um elemento essencialmente fluido e deslocado de qualquer padrão fixo pode conter uma lacuna interpretativa no sentido de não ser capaz de explicar como diferentes contextos sociais (tradicional e moderno, por exemplo) conseguem não apenas conviver simultaneamente, mas também formar um espaço de sociabilidade diferenciado; (3) em se tratando dos referenciais metodológicos latino-americanos, podemos dizer que eles se apresentam com extrema relevância para a apreensão de realidades sociais distintas em processo de formação da subjetividade contemporânea, talvez, neste caso, os alicerces teórico-metodológicos eurocêntricos, de fato, precisam ser revistos em função de uma realidade histórico-social cada vez mais singularizada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. F. **Do conhecimento tradicional ao princípio ativo: dilemas sociais da atividade de pesquisa etnofarmacológica**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós Graduação em Sociologia, São Carlos, SP.

ALTVATER, E. Os desafios da globalização e da crise ecológica para o discurso da democracia e dos direitos humanos. In: HELLER, A. et al. **A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto/Corecon, 1999.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.

CARIA, T. A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteira. In: CARIA, T. (Org.). **Experiência etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DULLEY, R. D. **Mercado mundial de produtos agrícolas orgânicos**. São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, 2003.

EVANGELISTA, J. **A crise do marxismo e o irracionalismo pós-moderno**. São Paulo: Cortez, 1992.

FERNANDES, F. **A natureza sociológica da sociologia**. São Paulo: Atica, 1980.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.

GONZÁLEZ-CASANOVA, P. Problema conceptuales en Ciências Sociales y Ciências del lenguaje. In: GONZÁLEZ-CASANOVA, P.; ROITMAN-ROSENMAN, M. **La formación de conceptos en Ciencias y Humanidades**. México: Siglo XXI, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUYSSSEN, A. **After the Great Divide: modernism, mass culture and postmodernism**. London: Macmillan Press, 1986.

LEFF, E. Sobre la articulación de las ciencias en la reacción naturaleza-sociedad. In: ECOLOGÍA y Capital. México: Siglo XXI, 2007.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NUNES, J. A. Fronteiras, hibridismo e mediatização: os novos territórios da cultura. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 45, p. 38-39, 1996.

RIBEIRO, A. S. A retórica dos limites: notas sobre o conceito de fronteira. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

ROITMAN-ROSENMAN, Marcos. Ciencias de la certidumbre y ciencias de la incertidumbre. In: GONZÁLEZ-CASANOVA, P.; ROITMAN-ROSENMAN, M. **La formación de conceptos en Ciencias y Humanidades**. México: Siglo XXI, 2006.

RABELLO, J. L.; CAMPOS, N. **Aprendendo com a Mãe Terra**. São Paulo, SP: Arte & Ciência, 2006.

SHIVA, V. **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2001.

TOURAINÉ, A. **A sociedade pós-industrial**. Lisboa: Moraes, 1970.

ZANIRATO, S. H.; RIBEIRO, W. C. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, 2006.

Recebido em: 02 de novembro de 2012

Aceito em: 30 de junho de 2014